

Relações humanos-animais na pecuária amazônica (Ilha de Marajó – PA)

Matheus Henrique Pereira da Silva¹

Doutorando em Antropologia Social/Universidade Federal de São Carlos

<https://orcid.org/0000-0002-7777-4675>

matheusk11@hotmail.com

A Ilha de Marajó é a maior ilha fluviomarina do mundo, banhada pelas águas do oceano Atlântico ao norte e pelas águas fluviais da foz dos rios Pará e Tocantins ao sul. A ilha é composta por três microrregiões, Portel, Furos de Breves e Arari, e dividida em 16 municípios² atravessados por matas, rios, campos, mangues, praias, dunas e igarapés. O local também é uma Área de Proteção Ambiental (APA) criada em 1989, sendo considerada a maior Unidade de Conservação na costa norte do Brasil, com 5.904.322 ha³.

A microrregião do Arari é composta pelos municípios: Muaná, Ponta de Pedras, Soure, Cachoeira do Arari, Salvaterra, Chaves e Santa Cruz do Arari, e influenciada por atividades vinculadas à pecuária, a pesca, ao extrativismo nas áreas de floresta e manguezais e a agricultura em pequena escala desenvolvida desde o período colonial. As paisagens locais são compostas por mangues, florestas, restingas e os chamados *campos naturais*, parcialmente alagáveis, possuem solos argilosos e com cobertura vegetal de variadas gramíneas, leguminosas e herbáceas, além de palmeiras e matas ciliares. De modo geral, as pastagens nativas dos *campos* são ecossistemas explorados pela pecuária

1 Gostaria de agradecer à FAPESP pelo financiamento da pesquisa, ao parecerista anônimo e a Bruno Silva Santos pela ajuda com o *abstract*. Bolsista de Doutorado da Fundação de Amparo e Pesquisa de São Paulo (FAPESP). Número do processo: 2021/04496-7.

2 A Ilha de Marajó abrange os municípios de Afuá, Anajás, Bagre, Breves, Cachoeira do Arari, Chaves, Curralinho, Gurupá, Melgaço, Muaná, Ponta de Pedras, Portel, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, São Sebastião da Boa Vista e Soure.

3 Consultado em: <https://ideflorbio.pa.gov.br/unidades-de-conservacao/8/area-de-protecao-ambiental-do-marajo>

de corte há mais de 300 anos e desempenham um papel de grande relevância no contexto da pecuária regional.

Entre os municípios, destaca-se a cidade de Soure⁴, a maior do arquipélago, sendo autointitulada a “Capital do Marajó” ou “Capital do búfalo”, fica localizada na costa oriental da ilha. A cidade possui uma área de 2.857,349 km² e 25.565 habitantes (IBGE 2017), sendo banhada pelo rio Paracauari. O búfalo do pântano (*Bubalus bubalis*) de origem indiana destaca-se pelo seu modo de vida e adaptabilidade a ambientes alagáveis e é um dos símbolos do município ligado a pecuária, sendo frequentemente visto circulando pelas ruas como meio de transporte ou empregados na tração, ao lado de mototáxis e bicicletas, e não raro é visto também em quintais de moradores que os criam. A criação em fazendas locais está relacionada diretamente a produção de leite, carne e seus subprodutos, além dos animais estarem envolvidos no turismo rural nas paisagens.

O regime de águas e sua sazonalidade são marcantes nas paisagens marajoaras e para a rotina de vida das populações locais, alteradas durante o período chuvoso, quando os igarapés, canais de maré e várzeas vazam por 3 a 4 meses na denominada estação chuvosa (inverno amazônico, que corresponde ao primeiro semestre do ano). No período das cheias, a locomoção em diversas situações e contextos na ilha ocorre por meio de barcos motorizados: “rabetas” ou “voadeiras”, facilitando o transporte de animais, alimentos e outros bens. Já no período da estiagem, que corresponde ao segundo semestre, os campos ficam amarelados e as pastagens secam e diminuem, dificultando a alimentação do gado que tem que se locomover ainda mais pelos campos em busca de alimento. O solo argiloso aparece ressecado e rachado, além das *terroadas* que seriam covões, deixando-o extremamente irregular, acentuados pela passagem do gado bubalino. Já os níveis dos lagos, igarapés e rios diminuem, dificultando não somente a vida para o gado, mas também para pescadores e outros trabalhadores que dependem destas fontes de água, embora os moradores façam alguns modos de represamento da água e armazenamento de peixes, como as rampas escavadas em fazendas.

Certa manhã, no mês de outubro, o proprietário de uma fazenda na área rural de Soure, avisou que havia comprado 23 reses bubalinas da raça murreh e que seria possível acompanharmos o trabalho de condução do rebanho que seria realizado pelos vaqueiros, ao longo de aproximadamente 5 km, até um caminhão para o transporte do gado. O

4 Atualmente (ICMBio 2018) parte de Soure é território da Resexmar Soure (Reserva Extrativista Marinha de Soure) que possui 1.298 famílias extrativistas cadastradas pelo ICMBio, distribuídas em seis comunidades ou localidades, total ou parcialmente no interior da Unidade de Conservação (Araruna, Barra Velha, Pesqueiro, Céu, Caju-úna e Pedral) e em nove bairros urbanos fora dos limites da Resex (Centro, São Pedro, Matinha, Umirizal, Pacoval, Macaxeira, Bom Futuro, Bairro Novo e Tucumanduba).

desembarque do gado já havia sido realizado antes de nossa chegada e o pequeno rebanho seria transferido para a propriedade do fazendeiro.

No local, três vaqueiros juntos aos seus cavalos nos aguardavam. O fazendeiro nos apresentou e explicou que era uma pesquisa sobre a “cultura marajoara” em torno da criação de búfalos. Os vaqueiros são os trabalhadores que lidam com o gado diariamente pelos campos e fazendas e durante seus trabalhos junto a seus cavalos se utilizam de: corda de laçar o gado; a sela para a monta; a cabeçada, um conjunto de tiras de couro curtido em torno da cabeça e do focinho do cavalo; vara de chuchar ou muxinga, usada para tanger o gado; e facas e facões envoltas em suas cinturas em bainhas de couro, usadas como defesa pelo vaqueiro ou mesmo para abrir caminho no mato.

Em seguida, acompanhamos o trabalho ao corrermos com uma câmera em mãos por uma estrada de terra batida por onde vaqueiros e cavalos tocavam o rebanho com suas muxingas. O sol de quase meio-dia tornava o ambiente exaustivo para todos, então, certo momento, os vaqueiros percebendo o cansaço do rebanho os guiaram para os lagos no entorno da pista. Era possível perceber diversos covões e buracos modelados pela movimentação constante do gado pelo local. Os animais entraram na água se banhando enquanto os vaqueiros aguardavam a refrigeração animal sempre à espreita para que os animais não se dispersassem.

Após a pausa prosseguimos até o destino, onde uma carreta estava posicionada em frente a um pequeno curral de madeira por onde o gado entraria ordenadamente no veículo. No local também havia mais um vaqueiro, o motorista e um marchante que iria tratar com o fazendeiro. Os vaqueiros ficavam posicionados do lado externo com varas, escalados na estrutura de madeira: tocavam o gado e gritavam continuamente “eias!!!”, “gaaadu!!!”, “shshhhh!!!”, “vaaaaaca!!!”, entre outros. Um dos últimos búfalos a entrar no curral corria pelo estábulo para entrar quando se bateu junto a outro animal e o cercado de madeira. O animal “quebrou”, o que indicava uma lesão em algum osso da coluna vertebral, de modo que imediatamente foi ao chão sem conseguir se locomover. Os vaqueiros tentaram levantar o búfalo em vão que respirava forçosamente e tentava se erguer sem sucesso.

O fazendeiro olhava com reprovação para os vaqueiros e, em seguida, para o animal, sugerindo movimentos precipitados dos homens, visto que todos sabiam silenciosamente que diante tal acontecimento somente o abate seria possível, pois o animal não teria mais condições de trabalho, nem de sobrevivência no ambiente das fazendas, devido a sua locomoção comprometida. Embora, todo o abate de indivíduos de rebanhos bovinos e bubalinos deva ocorrer nas instalações sanitárias do Matadouro Municipal de Soure

(responsável pelos abates das cidades da região que englobam Cachoeira do Arari, Chaves Ponte de Pedras, Soure, Santa Cruz do Arari e, em especial, Salvaterra, ao firmar uma parceria com este município) ainda é comum ocorrer no interior das fazendas, não só na *quebra* de algum animal, mas na forma de *matalotagem*, quando uma rês é abatida para consumo interno nas fazendas e repartida entre funcionários, sendo descontada no salário do mês.

Entre os vaqueiros presentes, apenas um realizava o abate de gado. O vaqueiro com um machado em mãos ficou incumbido de golpear o animal em uma região pouco atrás de sua cabeça para “insensibilizá-lo”. O homem ergueu o machado e com a parte traseira da lâmina acertou o animal que soltou um urro seco. Durante o movimento, um vaqueiro presente fez algumas expressões que indicavam não gostar da cena vista. Outros se apresentavam com mais naturalidade até empolgados com a cena que se desenrolaria expressas em jocosidades ligadas aos pedaços que cada um iria receber. Após o golpe, o búfalo estava com língua para fora da boca e os membros totalmente amolecidos, sendo em seguida amarrado pelos chifres ao carro do fazendeiro e rebocado até uma árvore próxima, onde seriam realizados os cortes de seu corpo e em seguida partilhado conforme a divisão estabelecida pelo dono, para os trabalhadores e alguns amigos próximos. Neste caso, a carne do animal seria parte do pagamento pelo trabalho dos vaqueiros com o rebanho.

O mesmo vaqueiro com uma faca realizou a sangria do animal, perfurando sua garganta e o deixando alguns minutos para o corrimento do sangue. Em seguida, junto aos demais, retiraram seus chifres e cascos que seriam utilizados para a produção de artefatos que também funcionam simbolicamente como troféus. Foram retirados o seu couro e órgãos internos para poder ser aberto em quatro partes. Os vaqueiros fizeram os cortes específicos pendurando as partes na árvore e lançando mão de suas classificações: *filé*, *contrafilé*, *maminha*, *fraldinha*, *agulha*, *vísceras*, *bofes*, etc. Durante o desmembramento do animal, vários urubus-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*) estavam espalhados pelo chão e pela cerca próxima, além de um cão (*Canis lúpus*) de um vaqueiro, todos à espreita das carcaças, couros ou quaisquer vestígios do gado, agora transformado em alimento para humanos e outros animais.

Por fim, as imagens apresentadas acerca da carne e do processo de abate remetem às condições da morte e da vida dos animais nas paisagens dos campos, bem como as suas formas de criação, além de fornecerem ferramentas para pensarmos os modos de vida de vaqueiros e de búfalos, pontuando sobre suas relações interespécies, trabalhos, técnicas, classes sociais, masculinidades e raças em seus encontros.

Referências

ICMBIO. 2018. *Plano de Manejo da Resex Marinha de Soure, Marajó (PA)*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacaomarinho/2296-resex-marinha-de-soure>

Endereços consultados

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agro 2017*. 2017. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/resultados-censo-agro-2017.html>

Recebido em 20 de fevereiro de 2023.

Aceito em 10 de abril de 2023.





































Relações humanos-animais na pecuária amazônica (Ilha de Marajó – PA)

Resumo

As imagens apresentadas a seguir são produtos de uma etnografia em curso e tratam da vida cotidiana, interações e performances que envolvem os vaqueiros e o rebanho bubalino ao longo dos campos e fazendas nas áreas rurais da cidade de Soure, Ilha de Marajó, Estado do Pará (BR). Neste episódio, será abordado a condução de um rebanho até um curral onde o gado seria embarcado em um caminhão para ser transportado até a fazenda de seu proprietário que havia comprado as reses. O evento culminou com a *quebra* de um animal e do seu conseqüente abate. Dessa forma, as imagens abordam o abate do animal de criação que, além de transformado em alimentação, nutre também relações sociais interespecíficas durante o trabalho, sendo integralmente vinculada a rotina das fazendas na Amazônia marajoara.

Palavras-chaves: Búfalos; Vaqueiros; Abate; Ilha de Marajó; Amazônia.

Human-animal relations in Amazonian cattle raising (Marajó Island - PA)

Abstract

The images presented below are products of an ongoing ethnography, and deal with the daily life, interactions and performances that involve cowboys and the bubaline herd along the fields and farms in the rural areas of the city of Soure, Marajó Island, State of Pará (BR). In this episode, we will present the driving of a herd to a corral where the cattle would be loaded onto a truck to be transported to the farm of the owner who had bought the cattle. The event culminated with the breaking of an animal and its consequent slaughtering. In this way, the images deal with the slaughter of the farm animal that, besides being transformed into food, also nurtures interspecific social relations during the work, and are integrally linked to the routine of the farms in the Marajoara Amazon.

Keywords: Buffaloes; Cowboys; Slaughter; Marajo Island; Amazon.